





Vejamos, resumidamente, algumas ideias básicas.

O Ser Humano tem a seguinte natureza setenária:

- 1) *Sthula-sharira* -- Corpo Físico
- 2) *Prana* -- Princípio Vital
- 3) *Linga-Sharira* -- Modelo ou duplo astral
- 4) *Kama* -- A sede dos desejos, paixões e emoções

Estes 4 Princípios (ou mais corretamente 3 Princípios e o Corpo Físico) formam aquilo que a Teosofia designa por **Quaternário Inferior**, ou os níveis mortais; a Personalidade, que apenas subsiste durante o período de uma encarnação.

Em seguida, temos a **Tríade Superior**:

- 5) *Manas* -- Mente, Inteligência. Este princípio é dual em suas funções.
- 6) *Buddhi* -- Intuição Espiritual. A Alma espiritual.
- 7) *Atma* -- O Eu Imortal. Espírito.

Um ponto importante a considerar é que existe uma **ligação entre o Quaternário Inferior e a Tríade Superior**, que é *Antahkarana*. O objetivo de todo aquele que percorre o Caminho Espiritual é ir “construindo”, ao longo de várias vidas, uma ponte cada vez maior entre os níveis mortais e os níveis espirituais e imperecíveis.

Na constituição setenária podemos distinguir igualmente três Almas, ou, três “tipos de consciência”:

- 1) **Alma Animal ou Mortal (eu inferior): um agregado de *Kama* + *Manas***
- 2) **Alma Humana: *Buddhi* + *Manas***
- 3) **Alma Espiritual ou Imortal (Eu superior): *Atma* + *Buddhi***

O caminho espiritual consiste na transferência da consciência do *eu inferior* para o *eu superior*, da **alma mortal** para **Alma Imortal**, através do despertar da **Alma Humana**, ou *Buddhi-Manas*, a Inteligência e Compaixão Universal.

Diante desta perspectiva da constituição integral do ser humano, podemos perceber que a mediunidade espírita e os demais fenômenos mediúnicos têm a sua base na atividade da alma animal ou mortal, no nível da Ilusão. Para a Teosofia autêntica, a mediunidade é um grave infortúnio e o discípulo esotérico é o oposto do médium. Um é ativo e positivo, o outro é passivo e negativo; um desenvolve progressivamente a sua vontade e poder sobre todas as circunstâncias e forças inferiores, o outro vai perdendo cada vez mais a sua autonomia e passa a ser o instrumento “dócil” de todo o tipo de influências; enquanto um se esforça por polarizar nos níveis verdadeiramente espirituais e seguros (Alma Imortal), o outro se deixa dominar e enredar nos níveis da ilusão (Alma Mortal); um refina os seus veículos de percepção, o outro desestrutura e degrada a sua fisiologia oculta; um amplia a sua consciência, o outro limita a sua consciência; um procura ler o Pensamento Divino, outro se ilude com os reflexos da Luz Astral; um toma nas

mãos a responsabilidade de se conduzir pelo Caminho ascendente, outro delega a forças estranhas seu percurso de crescentes infortúnios.

Num capítulo da extraordinária obra de Helena Blavatsky, “Ísis Sem Véu”, podemos ler o seguinte, a propósito da mediunidade (passiva):

“Longe de nós o pensamento de lançar uma mácula injusta sobre os médiuns físicos. Exauridos por diversas inteligências, reduzidos - pela influência predominante dos espíritos [2] , à qual suas naturezas fracas e nervosas são incapazes de resistir - a um estado mórbido, que ao fim se torna crônico, eles são impedidos por essas ‘influências’ de assumir outra ocupação. Eles se tornam mental e fisicamente incapazes para qualquer outra atividade. Quem pode julgá-los severamente quando, lançados numa situação extrema, são constrangidos a aceitar a mediunidade como um negócio? E o céu sabe, como bem o demonstraram os últimos acontecimentos, se essa profissão deve ser invejada por quem quer que seja!”[3]

Todo o texto restante merece ser lido. Em um trecho mais adiante, HPB nos oferece palavras muito claras sobre a situação dos médiuns:

“É um erro dizer que um médium tem *poderes* desenvolvidos. Um médium passivo não tem poder. Ele tem uma certa condição moral e física que produz emanções, ou uma aura, na qual as inteligências que o guiam podem viver e pela qual elas se manifestam. Ele é apenas o veículo através do qual elas exercem seu poder. Essa aura varia dia a dia, e, segundo as experiências do sr. Crookes, mesmo de hora a hora. É um efeito externo que resulta de causas internas. A condição moral do médium determina a espécie dos espíritos que vêm; e os espíritos que vêm influenciam reciprocamente o médium, intelectual, física e moralmente. A perfeição de sua mediunidade está na razão da sua passividade, e o perigo que ele corre está no mesmo grau. Quando ele está completamente ‘desenvolvido’ - perfeitamente passivo -, o seu próprio espírito astral pode ser paralisado, até mesmo retirado de seu corpo, que é então ocupado por um elemental (...).”

“Como a mediunidade física depende da passividade, o seu antídoto é óbvio: *o médium deve cessar de ser passivo*. Os espíritos nunca controlam pessoas de caráter positivo que estão determinadas a resistir a todas as influências estranhas. Levam ao vício os fracos e os pobres de espírito. Se os elementais que produzem milagres e os demônios desencarnados chamados de elementários fossem de fato os anjos guardiões, como se acreditou nos últimos trinta anos, por que não deram eles a seus médiuns fiéis pelo menos boa saúde e felicidade doméstica? Por que os abandonam nos momentos críticos do julgamento, quando são acusados de fraude? É notório que os melhores médiuns físicos são doentes, ou, às vezes, o que é ainda pior, inclinados a um ou outro vício anormal. Por que esses ‘guias’ curadores, que fazem seus médiuns exercerem o papel de terapeutas e taumaturgos para os outros, não lhes dão a dádiva de um robusto vigor físico? Os antigos taumaturgos e os apóstolos gozavam geralmente, se não invariavelmente, de boa saúde; seu magnetismo nunca trazia ao doente qualquer mácula física ou moral; e eles nunca foram acusados de VAMPIRISMO, como o faz muito justamente um jornal espírita contra alguns médiuns curadores.” [4]

(J.S.)

**NOTAS:**

[1] O website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) contém vários textos de estudo que permitem uma melhor compreensão da mediunidade, do processo pós-morte e da reencarnação, bem como algumas semelhanças e as muitas diferenças entre a filosofia espírita e a Teosofia. Um exemplo é o texto “**Os Sete Princípios da Consciência**”, que pode ser encontrado na “Lista de Textos por Ordem Alfabética” do website. São úteis também os textos que constam na seção temática “**A Reencarnação e a Lei do Carma**”, e o texto “**O Que É Teosofia?**”, que se encontra na seção “Helena P. Blavatsky” do website.

[2] Os “espíritos” de que H.P.B. fala não são as “almas dos desencarnados”, como supõem os espíritas, mas antes as “cascas astrais” ou então elementais.

[3] “Ísis Sem Véu”, Vol. II, H. P. Blavatsky, Pensamento, pp. 174-176

[4] Na obra anteriormente citada, p. 177.

## A MÚSICA DAS ESFERAS

A teosofia decodifica a chamada “música das esferas”. Os sete globos mencionados por H. P. Blavatsky em “A Doutrina Secreta” têm uma correspondência com as sete notas musicais e as sete cores do espectro solar. O mesmo padrão setenário está presente em ciclos menores, como o ciclo das sete raças que fazem uma ronda, e o ciclo das sete sub-raças que fazem uma raça.

Quando a Bíblia cristã diz que “No início era o Verbo”, ela está a dizer que “No início havia só o Mantra universal”. A nota-chave da harmonia universal “evocou” e fez acontecer a “música das esferas” dos pitagóricos, isto é, a evolução setenária do universo e dos seres que o habitam. Assim se encerrou um pralaya, um período de “descanso” do universo, e abriu-se um novo “manvântara”, um período de vida ativa.

Toda música é uma conjugação de sons e silêncios, uma sucessão ritmada de acordes ou sons, dentro de um processo que segue uma proporção e mantém um equilíbrio.

A marcha evolutiva é impulsada pelo encontro do Foco da Vida com as circunstâncias cármicas de determinado nível de consciência e de realidade. O som é a vida. Os níveis de consciência são simbolizados pelas cordas do instrumento musical das inteligências cósmicas. No caso pitagórico, a lira. É preciso saber de que modo a Vida faz soar as Notas nos seus vários níveis de vibração. Nos momentos certos, os grandes instrutores “fazem soar a nota-chave”. Eles emitem o “mantra” de cada nova etapa vibratória da evolução da Onda de Vida, e da evolução da Humanidade. A evolução corresponde à execução de uma música sinfônica por uma espécie de orquestra global. Nela, cada um dos seres dá a sua pequena contribuição autônoma e solidária para o “mantra” ou som geral acumulado.

O aprendizado espiritual consiste em “apurar o ouvido” e em aprender a diminuir o grau de ruído

na co-produção desta **música das esferas** - esta música dos globos - a harmonia dinâmica dos planetas. Cada ser humano dialoga com influências de todo o sistema solar e tem sete cordas musicais. Elas são os sete princípios da sua consciência, e cada um deles está subdividido em sete. Cabe ao eu superior do indivíduo “tocar o instrumento”, o eu inferior, de modo a fazer com que as notas emitidas nos planos físico, emocional e mental formem um todo coerente, harmônico e vigoroso.

A fraternidade humana inclui, é claro, uma grande quantidade de almas infantis que batem insistentemente em tambores de lata ou fazem barulhos ainda piores, quase ensurdecendo os que estão por perto. Há, porém, almas experientes que conhecem perfeitamente as sete notas musicais e as leis da proporção geométrica entre os sons. Estas almas conduzem o processo e fazem com que as almas infantis e as ações dissonantes se integrem ao vasto conjunto dos ciclos em movimento. Na sinfonia do universo, todos aprendem o tempo todo, e os contrastes são parte da aprendizagem.

## Quatro Tipos Básicos de Vibração

### E as Etapas Inevitáveis de Todo Ciclo de Vida

Os tipos de vibração da consciência humana podem ser divididos e classificados de vários modos, e não só da maneira setenária.

As modalidades de vibração da consciência são extremamente numerosas.

Elas também podem ser divididas em quatro grandes grupos, no que se refere ao estado de vigília, isto é, quando estamos acordados.

Com frequência mais de uma modalidade de consciência ocorre ao mesmo tempo, já que o estado de espírito em que estamos em um determinado momento é sempre um conglomerado de consciências de vários níveis diferentes. Portanto, estes quatro grupos de estados mentais e emocionais se referem ao Foco Central da consciência e não à sua sempre abrangente Totalidade.

Eles são os seguintes.

#### **1) Contemplação.**

O tipo mais elevado é, naturalmente, o espiritual. Aqui estão a sensação de bem-aventurança e a bênção, assim como a percepção da unidade e da eternidade da vida. É o nível da contemplação, que pode ocorrer 24 horas por dia.

#### **2) Harmonia.**

O segundo grupo de estados de consciência que temos em vigília reúne os tipos de ideias e emoções que possuem dinamismo e atividade mas, ainda assim, são compatíveis com o primeiro

grupo. Há integração, harmonia e coerência, mesmo em meio ao esforço e ao contraste da vida externa. A presença da alma é perceptível.

### **3) Oscilação.**

O terceiro aglomerado de possibilidades da consciência é intermitente e intermediário. Não há uma contradição consistente em relação à essência da alma e ao bem-estar interior. Tampouco existe uma percepção estável do mundo sagrado ou um esforço definido em função do ideal de auto-aperfeiçoamento. Aqui ficam as oscilações, as dúvidas, as provações não resolvidas, a luta interna da alma, e também - por outro lado - o estado de não-despertar, a situação intermediária, pacata, média, “neutra”, morna.

### **4) Negação.**

O quarto aglomerado reúne as situações que negam e contradizem fortemente o bem-estar da alma imortal e a coerência da alma mortal ou eu inferior, criando carma que irá tornar difícil a fixação e estabilização do foco da consciência nos grupos 1 e 2.

Normalmente, entende-se que o caminho espiritual consiste em expandir os grupos 1 e 2 de estados de consciência. Isso é verdade. Mas esta expansão, se for eficaz e durável, ocorre em grande parte através da redução do grupo 4. A meta é obtida através da auto-disciplina, da renúncia e da simplicidade, e não apenas através da idealização otimista do grupo 1. As agradáveis homenagens ao mundo espiritual, se não estiverem acompanhadas da dura renúncia feita voluntariamente, ficam sem alicerce e produzem um mecanismo de auto-ilusão cujos efeitos são lamentáveis, porque agem como negação disfarçada do verdadeiro caminho.

## **As Quatro Etapas de Cada Ciclo da Vida**

O sistema de observação da vida em quatro fatores também ocorre quando olhamos para ela ao longo do tempo.

Em cada ciclo da vida, estamos sujeitos à alternância de quatro etapas que correspondem às estações do ano e às fases da lua. Mesmo num único dia podemos enxergar as quatro instâncias, assim como em uma vida ou encarnação.

Sempre há quatro momentos:

- 1) Um re-início ou re-nascimento;
- 2) Uma etapa de crescimento acentuado;
- 3) Um período de auge;
- 4) Uma queda de energias - e uma conclusão do ciclo.

A filosofia esotérica ensina a passar com tranquilidade por estas etapas, ao longo dos inúmeros

ciclos grandes e pequenos de uma vida humana, e das diversas encarnações de uma alma imortal.

A sabedoria consiste em perceber a evolução destas e de outras marés sutis, e em utilizar corretamente a força delas.

Passado o auge de um ciclo, seja ele qual for, deve-se optar pela conservação da energia. Depois do inverno, é preciso romper a rotina, preparar a primavera e fazer as coisas voltarem à vida. No final da primavera, é recomendável acentuar o esforço na direção correta. Chegado o verão, é hora de atuar com simplicidade e desapego e - evitando toda ganância - voltar-se para o essencial, porque o próximo momento será o outono, e depois dele virá o inverno.

Em todas as estações, e em qualquer fase da lua ou da maré, sempre algo deve ser plantado, em diferentes níveis de consciência.

Não é pretendendo colher com avidez que se garante uma boa colheita. É plantando. Quando há maturidade, o plantio é feito no plano e no ritmo da alma.

00000000000

## Teosofia é um Patrimônio Intangível

### Como Ampliar o “Tesouro que Está no Céu”

Além das riquezas materiais, os povos têm patrimônios intangíveis. São as suas tradições culturais, seus recursos éticos e espirituais, o seu bom carma. No caminho teosófico e filosófico, o indivíduo também trabalha com a ideia do patrimônio imaterial. Todo ser humano possui um patrimônio intangível. Ele é formado pelas suas próprias qualidades positivas e negativas, o seu carma agradável e desagradável, as suas potencialidades para o bem. O “tesouro que está no céu”, mencionado pelo Jesus do Novo Testamento, inclui o carma positivo construído por quem trilha verdadeiramente o Caminho Estreito. Diz Mateus, 6: 19-21:

“Não acumule tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas junte o seu tesouro no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam. Porque, onde estiver o seu tesouro, ali estará o seu coração.”

Através das suas ações, dos seus relacionamentos e da renúncia a certas ações, o aprendiz da filosofia esotérica renova e expande seu patrimônio cármico. Ele constrói o seu patrimônio no alto, no céu, nos níveis superiores de consciência.

Para isso, as ações são tão importantes quanto as omissões ou renúncias. O tolo renuncia a fazer a coisa certa e age mantendo e ampliando seus apegos com o mundo externo. O aprendiz renuncia à ação errada, deixa de renovar os seus apegos, e age mantendo e ampliando suas ligações com aqueles que considera mais sábios e com os melhores sistemas de busca da sabedoria que conhece.



Nada se faz de repente. Tudo é gradual. A vida vai-se renovando de acordo com as nossas opções e decisões.

O estudante constrói a cada dia o seu patrimônio intangível. O bom carma é fielmente registrado tanto na parte mortal como na parte imortal da aura magnética que rodeia o seu corpo físico.

Deixando de lado as “riquezas” materiais, o aprendiz consciente busca a construção de um bom patrimônio sutil. Ele sabe que este é o único “tesouro” durável.

## A Arte de Navegar

### A Consciência Individual é Como um Pequeno Navio em um Oceano de Pensamentos

Como um barco movido por sua própria dinâmica, a mente de cada indivíduo avança através de um vasto mar astral – cuja “água” é feita de pensamentos, sentimentos, sonhos, memórias, expectativas e intenções.

Nesse mar, navegar é preciso, e viver também é preciso. O Oceano oferece perigos. Perder o rumo não é difícil. De que modo se pode manter o barco da consciência individual navegando a caminho da sabedoria, em meio a tantas distrações, tantos ventos laterais, e tamanhas correntes marinhas que a cada momento de desatenção podem desviar o barco para longe do rumo escolhido?

Estamos na cabine de comando das nossas consciências. Talvez estejamos adormecidos, mas isso não diminui nossa responsabilidade. Deixar-se arrastar pela correnteza é uma opção soberana - e ela é exercida todos os dias pelos mais desinformados.

O Oceano da Consciência tem águas superficiais e profundas, conscientes e inconscientes. Ele tem marés, tempestades e bonanças. A vigilância e a determinação de quem está no comando de cada barco da autoconsciência devem ser constantes e regulares, para que se mantenha o rumo correto e a consciência não naufrague na ilusão.

O bom uso do leme do barco consiste em concentrar a mente em pensamentos, ações e sentimentos que têm pelo menos três características. Eles devem ser:

- 1) fundamentalmente construtivos;
- 2) fundamentalmente altruístas; e sobretudo,
- 3) fundamentalmente verdadeiros.

Os pontos dois e três são decisivos porque nenhuma construção é possível sem altruísmo ou sem sinceridade. Criando hábitos corretos no mundo emocional, no mundo mental e no mundo físico, o barco da autoconsciência ganha força e resistência, e isso é extremamente útil quando surgem as inevitáveis tempestades.

Para que o barco responda facilmente ao leme, é preciso que não esteja sobrecarregado. Uma mente entulhada de coisas é difícil de dirigir. A carga de preocupações excessivas pode afundar



